

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANA CAROLINA PAULINA DE ASSIS GOMES

**FORMAÇÃO POLÍTICA DOS DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ITUIUTABA:
UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DO SIND-UTE/MG**

ITUIUTABA

2017

ANA CAROLINA PAULINA DE ASSIS

**FORMAÇÃO POLÍTICA DOS DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ITUIUTABA:
UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DO SIND-UTE/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de graduação.

Orientadora: Dra. Lucia de Fatima Valente

ITUIUTABA

2017

FORMAÇÃO POLÍTICA DOS DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ITUIUTABA:
UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DO SIND-UTE/MG

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado para
obtenção do título de graduação do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia
(MG) pela banca examinadora formada por:

Ituiutaba, 22 de Dezembro de 2017.

Prof^a. Dra. Lucia de FatimaValente

Prof^a. Dra. Leonice Matilde Richer

Prof^a. Dra. Valéria Moreira Rezende

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	SINDICATO ÚNICO DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS (SIND-UTE/MG): HISTÓRIA E PERSPECTIVAS.....	9
3	A POLITIZAÇÃO DOS PROFESSORES NA ATUALIDADE: CONCEITO, FUNDAMENTOS E PRÁTICAS.....	15
4	A FORMAÇÃO POLÍTICA DE DOCENTES DO SIND-UTE: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	32
	ANEXOS.....	33

FORMAÇÃO POLÍTICA DOS DOCENTES DA REDE ESTADUAL DE ITUIUTABA: uma análise das propostas do Sind-UTE/MG

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel do Sindicato dos Trabalhadores da Educação (Sind-UTE/MG) na formação política dos professores da rede estadual de ensino de Ituiutaba. Trabalhamos com a pesquisa bibliográfica utilizando principalmente as obras de Freire (1979), Silva (1992), Freire (1997), Oliveira (2006), Veiga (2006), Saviani (2017) e a pesquisa documental utilizamos Atas e Constituição Federal. Partimos do pressuposto que a formação empírica oferecida pelo sindicato não alcança a todos ou pelo menos a maioria, e não há organização no sentido de formação sistematizada. Portanto para aqueles que de certa forma se conscientizaram da importância de sua participação política na vida do país, da escola, da comunidade, estes buscam ou aprimoram seus conhecimentos nos sindicatos ou outras instâncias. Para a formação da grande maioria entendemos os sindicatos como principais instigadores e formadores. O estudo revelou que não existe projeto de formação do Sind-UTE, porém utilizam dos cursos ofertados pela CNTE, os quais poucos tem acesso, e não suficiente para atender as necessidades e demandas dos profissionais.

Palavras-chave: Sindicato. Formação. Política.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the role of the Union of Education Workers (Sind-UTE / MG) in the political formation of the teachers of the state education network of Ituiutaba. We work with bibliographical research using the works of Freire (1979, 1997), Saviani (2017), Oliveira (2006), Silva (1992), Veiga (2006) and documentary research we use Atas e Constituição Federal. We start from the assumption that the empirical training provided by the union does not reach all or at least the majority, and there is no organization in the sense of systematized training. Therefore, for those who have somehow become aware of the importance of their political participation in the life of the country, school, community, they seek or improve their knowledge in unions or other instances. For the formation of the great majority we understand the unions as the main instigators and trainers. The study revealed that there is a training project that is effective in the daily monitoring of the union, but its way of raising awareness among those who do not participate is still far from ideal.

Keywords: Syndicate. Formation. Policy.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar como se efetiva a formação política dos professores por meio do Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/MG). A necessidade dessa pesquisa surgiu em razão de minha experiência pessoal na luta junto a colegas da educação. Nos últimos meses houve grande mobilização dos trabalhadores da educação em prol da luta contra a retirada de direitos adquiridos ao longo de décadas, devido ao golpe de 2016.

Um golpe de Estado conforme Saviani (2017), pois a Constituição está sendo desrespeitada, ao acionar um mecanismo constitucionalmente legítimo como o *impeachment* para derrubar do poder uma presidenta eleita democraticamente que não cometeu crime de responsabilidade.

Uma ação engenhosa e inescrupulosa, sem participação popular, vem sendo tramada, e conforme Venco, Assis (2017) desde a posse do presidente Lula em 2003 forças políticas conservadoras tentam retomar o poder e dar continuidade a projetos que beneficiam o capital estrangeiro e a burguesia.

Com a destituição da presidenta Dilma Rousseff seu vice Michel Temer assumiu encabeçando assim uma lista de políticos investigados e ou indiciados por diversos crimes como de corrupção ativa e passiva. Fato esse que parece explicar bem o golpe, pois o círculo dos poderes legislativo, executivo e judiciário, cada qual contribuindo para atingirem o objetivo. Conforme (SAVIANI, 2017, p. 217) “podemos concluir que o Estado Democrático de Direito deixou de existir no Brasil, vitimado por um Golpe de Estado jurídico-midiático-parlamentar”.

Como consequência do golpe chegam as primeiras medidas que tratam-se de um grande retrocesso aos princípios democráticos e direitos há muito tempo conquistados. Encaminhadas para votação nas devidas instâncias e rapidamente aprovadas como a Lei da Terceirização, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC 241/2016) que paralisa os investimentos na educação e saúde por 20 anos, mudança na CLT e ainda em tramitação a reforma da Previdência.

E para dar continuidade ao projeto político e econômico junta-se a essas novas leis a MP 746/2016 Reforma do Ensino Médio e o Projeto de Lei 867/2015 oriundo do movimento Escola sem Partido, conforme Venco e Assis (2017) a Escola sem Partido fere o que vem descrito na Constituição no Artigo 5º como: da livre manifestação do pensamento; da inviolabilidade da liberdade de consciência; da impossibilidade de privar os direitos de alguém por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política; e da livre expressão de

atividade intelectual, artística, científica ou de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Também a Reforma do Ensino Médio de acordo com Venco e Assis (2017) fere o Artigo 206 inciso III da Constituição Federal que trata das concepções pedagógicas e pluralismo de ideias.

A Educação Básica, como o próprio nome diz, deve ser responsável pelo trabalho com os conhecimentos básicos acumulados ao longo da história do ser humano, de forma que não deveria haver, neste momento, espaço para uma escolha pela predileção pessoal dos estudantes, pois ainda não se tem conhecimento da totalidade do conjunto de saberes. Essa é uma das razões pelas quais o Ensino Médio de Nível Técnico não poderia prescindir das disciplinas do Ensino Médio propedêutico, de forma que o estudante o fizesse integrada ou concomitantemente, entretanto, com as mudanças normativas trazidas pela MP, ainda que estas modalidades permaneçam, a base do ensino propedêutico se perde, desviando para o ensino técnico a ênfase que outrora teve. (VENCO, ASSIS, 2017, p. 288).

Dessa forma privamos nossos estudantes de conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento crítico, pois a população trabalhadora busca adquirir conhecimentos que ajudem na sobrevivência imediata. Assim concordam (VENCO, ASSIS, 2017, p.288) “É evidente o descompromisso com a população, sobretudo a das camadas populares que, invariavelmente, recorrem ao ensino técnico como forma de ampliar as formas de sobrevivência”.

Nesse contexto vivemos dias de retrocesso, o golpe parece ser o começo, para garantir a hegemonia da burguesia, a livre transição do capital estrangeiro e nacional mantendo a população contida, ocupada em sobreviver, e a escola como a pretendem, vai cumprir esse papel, robotizando e qualificando para o mercado de trabalho.

Participando dos movimentos contra essas reformas não tive como não questionar a pouca adesão dos trabalhadores principalmente dos professores que supostamente deveriam ser os mais engajados nas lutas juntamente com seus estudantes.

No entanto, o que vimos foi paralisações e greve com uma grande adesão, porém nas manifestações, panfletagens, saraus e demais formas de tentar informar a população dos riscos de perda de direitos, esses trabalhadores se omitiram e não compareceram, não foram trabalhar, porém não se juntaram para as mobilizações. Isso me intrigou profundamente, principalmente porque já vislumbrava uma pesquisa sobre como os professores graduados na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) trabalham política dentro da sala de aula.

Acreditando nas transformações educacionais que aconteceram nos últimos anos, como abertura e crescimento de vagas para estudantes negros e pobres, supunha que o trabalho de

formação de cidadãos mais conscientes já poderia ser apontado nessa pesquisa. Questionamos se o problema estaria na formação política docente, ou se são uma série de fatos historicamente construídos, economicamente planejados que levam o país a uma apatia generalizada.

Ao iniciar essa pesquisa no intuito de levantar documentação sobre formação política para os profissionais da educação, perguntamos para um dos dirigentes da subseção do Sind-UTE de Ituiutaba se havia cursos de formação ministrados pelo sindicato, a resposta foi que a formação política se efetiva “na prática”. Diante dessa resposta, ficamos instigadas a compreender: como se efetiva “na prática” essa formação política dos docentes de Ituiutaba-MG? Qual o papel do Sind-UTE nesse processo? Qual a concepção de politização presente nas orientações do sindicato para essa formação? Quais as ações propostas para essa formação?

Portanto nosso objetivo geral é analisar o papel do Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação (Sind-UTE/MG) na formação política dos professores da rede estadual de ensino de Ituiutaba, para tanto, temos como objetivos específicos 1- construir um breve histórico sobre as lutas e conquistas do Sind-UTE; 2- discutir e analisar o conceito de politização dos professores na produção teórica da área e por fim, 3- analisar as propostas e práticas de formação política realizadas pelo sindicato a partir do ano de 2003.

Partimos do pressuposto que essa formação não alcança a todos ou pelo menos a maioria, pois a adesão as rotinas sindicais não são grandes, dentro da nossa experiência profissional e pelo período que estamos filiadas ao sindicato percebemos que não há organização nesse sentido de formação sistematizada para aqueles que não frequentam o sindicato, mesmo sendo filiados.

Ficou claro a partir da pesquisa e de minha participação nos movimentos e reuniões sindicais, que aqueles membros participantes de reuniões, viagens para as assembleias e congressos, os engajados nas mobilizações são os que constroem uma formação política crítica e sólida, capaz de compreender a dinâmica trabalhista do funcionalismo público, tornam-se conhecedores de direitos, ficam a par das promessas e acordos realizados pelo Governo.

Dessa forma se tornam mais comprometidos e conscientes da função social que os trabalhadores da educação possuem. Portanto a não abrangência dessa formação nos faz presumir que certa apatia diante das questões políticas que ocorrem em nosso país, em parte, é devido à pouca formação e comprometimento político.

Trabalhamos com a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A primeira por nos permitir, conforme Gil (2008) analisar várias pesquisas já realizadas, contribuindo assim consideravelmente já que nosso trabalho requer uma investigação da história, da política e da

educação. A segunda semelhante a primeira, se difere conforme Gil (2008) somente na natureza das fontes, materiais que ainda não foram analisados ou podem ainda ser reelaborados.

Levamos em conta as possibilidades de equívocos quanto a pesquisa bibliográfica pode trazer como a autora descreve:

Muitas vezes as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar seus erros. Para reduzir esta possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente. (GIL, 2008, p.50).

Para não incorrer nesse erro, fomos criteriosas nas escolhas dos artigos para pesquisa, utilizamos *sites* acadêmicos renomados com selo de segurança e analisamos várias fontes, não satisfazendo com apenas uma.

O texto está organizado em três seções, além dessa introdução e das considerações finais. A primeira vamos tratar da história de como surgiu o Sind-UTE/MG no período da ditadura militar, em seguida iremos conceituar e fundamentar a politização dos professores na atualidade e por fim vamos analisar as propostas de formação política que o Sind-UTE/MG oferece.

1- SINDICATO ÚNICO DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS (SIND-UTE/MG): HISTÓRIA E PERSPECTIVAS

Esta seção objetiva apresentar um breve histórico sobre as lutas e conquistas do Sind-UTE /MG. Para compreender melhor a posição do sindicato, trouxemos um breve histórico de sua formação, retirado do site do próprio Sind-UTE/MG e elencamos algumas conquistas realizadas por meio de greves, manifestações e debates. Considerando que não se trata somente de fatos finalizados em documentos e acordos, mas de história de luta, privações e conquistas, utilizaremos também depoimentos retirados do livro comemorativo do Sind-UTE/MG quando completou 35 anos.

Ao iniciarmos a pesquisa percebemos que o sindicato tem uma história de luta interessante e que seus membros foram os responsáveis pela sua origem, tendo a participação e iniciativa da base, ou seja, dos trabalhadores da educação.

Foi nos 1979 que iniciou-se o movimento de onde surgiria a UTE e posteriormente o Sind-UTE/MG. O governador de Minas Gerais era Francelino Pereira e o Presidente do Brasil

era João Figueiredo, nesse momento conforme Oliveira (2006) o país estava passando por uma crise econômica, alto índice de inflação e arrocho salarial.

Os operários das grandes indústrias já haviam iniciado mobilizações significativas em anos anteriores, aliás desde o golpe de 1964 conforme Oliveira (2006) Dulci (2014) seja de forma discreta nas salas de aula conscientizando estudantes ou no chão das fabricas pela luta contra horas extra, a sociedade se mantinha em luta.

Em Minas gerais os profissionais da educação exigiam melhores condições de vida e trabalho, denunciavam o abandono da educação e reivindicavam melhores salários.

Iniciou-se com uma pequena reunião com 10 professores com intenção de articular um trabalho de conscientização e logo depois as próximas reuniões que aguardavam a participação de 30 a 40 pessoas compareceram 200, conforme entrevista retirada do livro comemorativo dos 35 anos do Sind-UTE/MG:

[...] quero dizer que o movimento foi muito espontâneo, porque não tinha nenhuma entidade apoiando nosso movimento, pelo contrário, as poucas entidades representativas do magistério foram contrárias ao movimento. Então, quando se fala assim- como as lideranças fizeram para criar o movimento? Eu digo sempre o contrário – não foram as lideranças que criaram o movimento, foi o movimento que criou as lideranças. (DULCI, CERQUEIRA, 2014, p.7)

Dessa forma com a participação dos trabalhadores da educação teve início uma greve de professores, auxiliares de serviço e outros segmentos da categoria em maio de 1979 que durou 41 dias. Greve considerada vitoriosa pois várias reivindicações foram atendidas conforme depoimento de Luiz Dulci:

Em 1979, depois da nossa greve, que foi uma greve vitoriosa, quase todas nossas reivindicações foram atendidas. Não de início, o governo não queria nem negociar. O governador Fancelino dizia que a greve não tinha rosto. Aí eu me lembro de uma professora primária que logo se aposentou. D. Maria de Lourdes foi a televisão dizer que “eu sou o rosto da greve, a greve tem milhares de rostos” -uma coisa muito bonita! Eles só dialogaram conosco quando a greve se tornou tão forte, tão poderosa...” (DULCI, CERQUEIRA, 2014, p. 11)

Nesse clima nasce a União dos Trabalhadores do Ensino (UTE), surge de forma diferente dos sindicatos, sem ligação com Estado sob o controle dos trabalhadores.

No entanto, vale ressaltar que esse início de organização sindical se deu em Oposição Sindical a rede particular que conforme Oliveira (2006) os servidores municipais e estaduais aderiram as reuniões iniciadas por professores da rede privada contribuindo para um movimento muito maior, formulando assim reivindicações específicas a cada instituição.

Ainda conforme Oliveira (2006) o Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais-SINPRO (Rede Particular) e a Associação das Professoras Primárias de Minas Gerais (Rede Pública) APPMG não apoiaram o movimento contribuindo para a decisão da criação da UTE, pois houve a discussão de qual seria a melhor forma, associar-se a APPMG ou criar uma nova entidade.

Outros dois pontos segundo Oliveira (2006) foram decisivos para se criar uma nova entidade, um foi a afinidade construída entre a categoria e o comando de greve e o outro ponto que a legislação não permitia que servidores públicos participassem de sindicatos. No entanto poderiam criar uma nova associação e por não ser sindicato não precisavam ser vinculados ao Ministério do Trabalho, o que permitia e possibilitava a entidade permanecer com sua forma atual de luta que assemelhava ao movimento do Novo Sindicalismo.

Segundo Diniz, Bauer (2014) um ponto polêmico foi a escolha do nome da entidade, pois estava arraigada na visão de muitos uma ideia corporativa e o movimento mostrou-se de classe, não se tratava de movimento ou greve de professores, mas de trabalhadores da educação. Tanto que, os princípios votados para serem norteadores da associação demonstram a entidade como uma defensora da classe de trabalhadores da educação.

(1) Defender os direitos e interesses da categoria profissional e de cada trabalhador do ensino; (2) Defender os direitos e interesses dos inativos do ensino; (3) Desenvolver a unidade de toda a categoria dos trabalhadores do ensino; (4) Participar, ao lado de todos os trabalhadores, no combate a toda forma de exploração e opressão; (5) Reivindicar uma política educacional que atenda aos reais interesses do povo brasileiro; (6) Fiscalizar as modalidades de admissão e demissão de trabalhadores do ensino nas redes oficiais, municipais e estadual; (7) Garantir a independência da entidade: (a) assegurando sua autonomia frente às entidades patronais, organizações religiosas, partidos políticos e em relação ao Estado. (ATA I CONGRESSO, 1979 Apud DINIZ, BAUER, 2014, p. 30)

A ideia estreita de não assumirem-se como trabalhadores já não cabia mais entre os membros do movimento, o que seria defendido dali em diante seriam os trabalhadores da educação.

De acordo com Pereira (2014) a UTE-MG foi criada em julho de 1979 em um congresso e no final do ano foram votados o estatuto e a estrutura da entidade que conforme a professora Rosaura de Magalhães Pereira se tratava de uma organização democrática com subsedes e conselhos regionais e congressos estaduais, com seus delegados eleitos nos locais de trabalho, portanto organizada, planejada e dirigida pela base, nesse II Congresso foi eleita a primeira diretoria.

Conforme (PEREIRA, 2014, p. 20) “A UTE nasceu e cresceu sustentada por nós – através de nossa contribuição e trabalhos voluntários – fora da estrutura sindical vigente no país e, portanto, sem imposto sindical”. A colaboração para a entidade se constituir e se manter vinha dos profissionais da educação, unidos no objetivo de fortalecer a entidade que os representaria.

Em 1980 inicia-se uma segunda greve na qual Luiz Dulci, Fernando Cabral, Luis Fernando Carceroni, Antonio Carlos Ramos Pereira e Ísis Magalhaes são presos e iniciam uma greve de fome pela abertura de negociações, fim da repressão e atendimento às reivindicações.

Em 1980, fizemos outra greve. Nesta, a repressão foi ainda mais violenta, com prisão dos dirigentes – que fizeram greve de fome no DOPS – demissões de contratados, suspensão dos efetivos por até 15 dias, e com a polícia nas portas das escolas para impedir a entrada dos grevistas. (PEREIRA 2014, p.20)

Nesse período, nós fizemos – avaliamos que era preciso. Isso porque, com a prisão, o risco de o movimento acabar imediatamente era muito grande. Naquele contexto de ditadura, ameaça de prender outros colegas, o risco de que o movimento fosse destruído era muito grande. Por isso resolvemos fazer greve de fome – para dar uma visibilidade maior para aquela causa- e ficamos nove dias em greve de fome. (DULCI, CERQUEIRA, 2014 p. 14)

Trouxemos dois depoimentos um de Luiz Soares Dulci o primeiro presidente do então UTE e de Rosaura de Magalhães Pereira que foi presidente em 1988/1990, para mostrar que são memórias de uma mesma luta e que convergem na fala a mesma história dando assim a oportunidade de avaliarmos os fatos.

Devido a repressão da ditadura que ainda existia, as atitudes dos grevistas é que davam força e coragem para que o movimento continuasse, demonstrando o grau de comprometimento de seus membros.

Em 1983 a UTE se filia a CUT participando de sua fundação e também se filia à Confederação do Professores do Brasil (CPB) que posteriormente origina a Confederação Nacional do Trabalhadores em Educação (CNTE).

Em 1990 surge a necessidade de unificação entre entidades, então a UTE se une à Associação de Orientadores Educacionais de Minas Gerais (AOEMIG), Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública de Belo Horizonte (Sintep), Sindicato dos Profissionais da Educação Pública de Minas Gerais (Sinpep, ex-APPMG) e Associação de Diretores e Vices de Escolas Municipais de Belo Horizonte (ADVEM) e dão origem ao Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/MG).

O Sind-UTE/MG vem ao longo dos anos travando batalhas com os governos independente da sua legenda partidária na busca da valorização dos profissionais da educação. Conforme os dados apresentados acima, a categoria cresceu, juntou forças com outras

entidades, conseguindo assim ser um dos maiores sindicatos de Minas Gerais com representatividade e força para negociações. Todo trabalho realizado enquanto UTE e em seguida como Sind-UTE/MG mostra a dinâmica da formação na prática.

Uma contribuição significativa para formação conforme Ricci (2014, p.42) é a característica que o Sind-UTE tem do mobilismo, que surgiu nos 1970, que consistia em que a base sindical era informada por seus sindicatos através de boletins informativos, tendo comunicação direta, permitindo uma formação de opinião. Dessa forma também os profissionais da educação estavam sempre informados das situações vigente, sempre em contato direto com a cúpula do sindicato, pois os mesmos ou os representantes diretos estavam ali no chão da escola.

Podemos dizer que para os que estão participando ativamente nas negociações e mobilizações ao mesmo tempo estão sendo formados por participarem de cada passo, vão se conscientizando das formas e manobras que os governos em geral utilizam para negociar com a categoria, assim passam a entender melhor o jogo político.

Para (RICCI, 2014, p.43) “Não há um único trabalhador da educação de Minas Gerais, incluindo os das escolas particulares e universitários, que não saiba da existência do Sind-UTE/MG.” Importante, engajado também na luta pelas políticas públicas não só da educação, porém, voltando ao que nos trouxe para esta pesquisa, hoje na atual conjuntura política de nosso país, onde estão esses profissionais politizados? De que forma o Sind-UTE está contribuindo para a formação dos profissionais da educação que não participam ativamente do sindicato?

Sem dúvida o sindicato é uma escola de formação política empírica. Mas há um número nessa conta que não fecha. Não é nosso interesse no momento pesquisar a quantidade de profissionais da educação que são ativamente participantes do sindicato, não estamos falando de filiados, e sim, de profissionais que engajados na luta por uma educação de qualidade e por valorização profissional, vão as ruas, usam de criatividade e ousadia, saem do conforto de suas casas, se preocupam em contextualizar suas aulas, ensinam seus estudantes a enxergarem além de fatos isolados e manipulados.

Estamos falando de professoras e professores que como diria Freire (1997) deveriam exercer influência sobre os estudantes de forma que não se deixem influenciar, é dessa consciência política que estamos falando. Porque após a graduação seja ela de qualidade ou não, quem teria o interesse em uma formação política consistente, que além de formar os trabalhadores da educação ajudaria na formação de toda uma comunidade escolar?

A forma como o Sind-UTE/MG se estruturou como entidade, sua organização e dinâmica de encontros, congresso e votações evidencia uma vontade democrática de

participação. Nas instancias de sua organização o voto é a forma de decisão, e para tal, tanto nos Congressos e Conselhos os filiados são convocados todos a participarem, incluindo subsidio financeiro para que filiados possam se locomover até as assembleias.

Sua estrutura organizacional conforme dados disponíveis no site do sindicato é dividido em Congresso Estadual, Conselho Geral, Diretoria Estadual e Conselho Fiscal. O Congresso Estadual é a instância máxima, as decisões são tomadas por maioria de votos, entre os delegados presentes. É classificado em congresso ordinário, com data definida pelo Conselho Geral, extraordinário convocado quando necessário. Os delegados e suplentes são eleitos nos locais de trabalho onde estão lotados ou em exercício. Os aposentados são eleitos em assembleia própria.

Existe também a Assembleia Geral, que é a instância imediatamente inferior ao Congresso Estadual. Suas deliberações são tomadas por maioria de votos dos trabalhadores em educação, filiados e presentes. Pode ser convocada pela Diretoria Estadual ou Conselho Geral. E as assembleias extraordinárias são convocadas pela Diretoria Estadual, maioria do Conselho Geral ou através de requerimento, à Diretoria do Sindicato, de 10% das subsedes quites ou de 1% dos filiados quites.

O Conselho Geral é constituído pela Diretoria Estadual e por conselheiros representantes das subsedes. O Conselheiro tem que ser filiado ao Sind-UTE/MG e estar em condição de exercer seus direitos.

A Diretoria Estadual é a parte da administração e representação oficial do sindicato constituída por 54 membros, sendo 38 diretores regionais e 16 metropolitanos, distribuídos nos seguintes departamentos: Administrativo e Financeiro, Organização, Formação e Políticas Sociais, Jurídico e Comunicação e Cultura. A Coordenação Geral do Sindicato é constituída pelos coordenadores dos departamentos, eleitos pela Diretoria Estadual entre seus componentes, e pelo Coordenador Geral, também escolhido pela Diretoria Geral.

O Conselho Fiscal é constituído por três membros efetivos e três suplentes eleitos entre os conselheiros, em reunião do Conselho Geral. O conselho fiscal reúne-se ordinariamente de seis em seis meses e as reuniões extraordinárias são convocadas sempre que necessário.

Diante da trajetória histórica do Sind-UTE/MG, sua formação, a base sobre a qual foi constituído, suas lutas e várias conquistas que mesmo antes de se tornar sindicato, quando ainda eram trabalhadores da educação se reunindo para discutir a melhor maneira de serem ouvidos e atendidos em todas suas demandas de trabalho, como profissionais exigindo apenas o que consideravam como justo, é necessário admitir que sua história em si foi um processo amplo de formação política.

No entanto, há aqueles que não se sentem motivados a participar de toda a dinâmica de um sindicato, outros consideram que são instituições que pouco fazem para a categoria. Portanto para aqueles que de certa forma se conscientizaram da importância de sua participação política na vida do país, da escola, da comunidade, estes buscam ou aprimoram seus conhecimentos nos sindicatos ou outras instancias.

Para os que não querem ou não sentem à vontade em participar da dinâmica sindical, talvez em outro âmbito ou espaço, o sindicato por ser representante da classe, deveria assumir o papel de formador, de instigador para uma atuação docente consciente, humana, crítica e principalmente para o crescimento da classe de trabalhadores da educação.

2- A POLITIZAÇÃO DOS PROFESSORES NA ATUALIDADE: CONCEITO, FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

Vamos tentar definir aqui o profissional politizado, o professor que nesse trabalho carrega a responsabilidade de imprimir em sua prática a política, a ética e o comprometimento social.

Para Freire (1979) o homem e a mulher diferentemente dos outros animais, reconhecem-se no e com o mundo, em uma relação que permite a reflexão, dessa maneira compreende a realidade transformando-a. Isso nos leva a reflexão do ser inacabado que para Freire (1996) a consciência desse inacabamento permite irmos além, pois sempre há algo a aprender, modificar, transformar, e nisso está a nossa condição política.

No dicionário Aurélio online o seu significado: “- dar ou adquirir caráter político.” Já a palavra político “1- aquele que se entrega a política, 2- estadista, 3- relativo a política ou aos negócios públicos, 4-delicado, urbano, cortez, 5- finório, astuto, 6-indisposto com alguém.” No site Dicionário Etimológico encontramos a origem da palavra política:

Do grego politikos, que significa cívico. O temo politikos, por sua vez, se originou a partir da palavra polites, que quer dizer cidadão, que se originou de polis, traduzido por cidade. Numa sociedade como a grega, em que a vida pública interessava a todos os cidadãos, os politikos eram aqueles que se dedicavam ao governo da polis (a cidade ou o Estado, colocando o bem comum acima de seus interesses individuais. Por intermédio do latim, o termo ingressou em todas as línguas ocidentais. No início, porém, adquiriu uma conotação claramente pejorativa: politician, no inglês do sec. 16, designava alguém que recorria a intrigas para adquirir poder ou cargos públicos: algo semelhante ao que hoje chamamos de politiqueiro, que faz politicagem. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/politico/>> Acesso em: 07 nov. 2017

Na origem da palavra é possível compreender que o ser político é algo indispensável em uma sociedade, já que interessa a todos sua organização. Pressupõe que para essa organização todos os cidadãos saibam defender seus direitos, respeitar os deveres e trabalharem juntos para o crescimento de uma sociedade, cidade, comunidade ou organização, isso em uma conjuntura democrática. Quanto a conotação pejorativa ela ainda resiste em nossa sociedade e é usada como desculpa para a não “politização”. Ou seja, no senso comum ainda associam política a políticos corruptos ou mesmo incompetentes.

Acreditamos que seja interessante devido à complexidade de nossa língua trazermos os sinônimos de político, 34 sinônimos para 5 sentidos da palavra:

Pessoa que se dedica a política: 1- homem público, estadista. **Relativamente ao governo e assuntos públicos:** 2- governamental, público, oficial. **Cortês e delicado:** 3- simpático, fino, urbano, civil, polido, amável, educado, elegante, afável, agradável, delicado, civilizado, atencioso, cortês, gentil. **Esperto e astuto:** 4- malandro, sagaz, habilidoso, ladino, manhoso, velhaco, hábil, esperto, finório, astuto, astucioso. **Diplomático:** 5- prudente, cuidadoso, diplomático. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/politico/>> Acesso em: 07 nov. 2017

Para muitos ser político é essencialmente trabalhar em órgãos do governo, ser velhaco, esperto, astuto, habilidoso na arte de enganar. Porém o que essa pesquisa mostra que o profissional ou cidadão politizado, porque aqui vamos falar não só do profissional da educação, mas daqueles que eles ajudam a formar, deve ter como características a educação, deve ser civil, atencioso, diplomático, hábil.

Parece-nos impossível não anexar todas as qualidades positivas de nossa língua na palavra em questão. Pois ser político, politizado requer conhecimentos sobre a vida organizacional de nosso país, requer humildade pra aprender e ensinar, exige ética, compromisso profissional e compromisso como cidadão e criticidade.

Para Freire (1979) somente o homem é capaz de se comprometer, de refletir sobre si mesmo e de transpor os limites que o mundo lhe impõe.

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. (FREIRE, 1979, p.17)

Comprometer-se com sua profissão, com sua função social, saber-se capaz de transformar a si mesmo e com isso o mundo que o cerca. Segundo Freire (1979) essa consciência só existe em nós seres humanos, a capacidade de atuar e refletir, transformar a realidade é o que nos faz um ser da práxis. No entanto conforme sejam experienciadas as

relações podemos não ter condições de refletir nossa prática, nos tornando seres não comprometidos, robóticos.

Uma das formas de nosso impedimento de compromisso de acordo com Freire (1979) seria por exemplo, o que a elite brasileira sugeriu, através de propaganda, manipulando, induzindo a pensamentos, comportamentos, que na verdade não são percebidos pela grande maioria.

Nesse comprometimento ou não como profissional é que há a transformação. Uma transformação positiva que leva ao crescimento profissional e humano ou na inércia no não comprometimento pode levar ao que podemos chamar escravos de uma elite manipuladora, que pretende manter o *status quo*.

Para Freire (1979) um compromisso verdadeiro só é possível quando o homem consegue perceber a realidade a sua volta, quando supera a visão ingênua, consegue contextualizar todas as nuances de um fato e daí abrir um leque de possibilidades.

Dessa forma trabalha um profissional da educação comprometido com si mesmo e seus alunos, consegue ministrar suas aulas, aplicar seu conteúdo indagando sempre, fazendo refletir e refletindo sua prática, demonstrando o ser político que somos, inseridos em uma sociedade cujo desenvolvimento depende de nossas ações.

Sabemos que para ser político ou politizado não necessariamente o homem ou mulher serão indivíduos éticos, comprometidos ou honestos. Infelizmente temos pessoas e muitas delas ocupam cargos públicos, nossos representantes no senado, nas câmaras legislativas, professores, médicos, servidores da Polícia Militar e Forças Armadas em geral e etc. E cada uma dessas e de outras várias funções possuem seu código de ética, que é formulado para que ninguém seja prejudicado ou injustiçado, que o serviço público corra em seu fluxo normal. Porém, a ética e o comprometimento para alguns é diferente da ética humana, do compromisso com a profissão de que nos fala Paulo Freire.

Podemos dizer dos profissionais em geral, cidadãos e principalmente em relação ao nosso foco que são os profissionais da educação que a ética faz parte da profissão.

Seguindo o pensamento de FREIRE (1996, p.16) “a ética é inseparável da prática educativa”. Ele diz da ética universal do ser humano:

[...] da ética que condena a exploração da força do trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como a perversão hipócrita da pureza em puritanismo.

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. (FREIRE, 1996, p. 16)

A ética que não pode faltar no educador segundo Freire (1996, p.16) deve ser testemunhada na prática do dia a dia para que os educandos sejam observadores e ao mesmo tempo aprendam. Que os estudantes presenciem o comprometimento de cada professor em sua disciplina, que eles percebam por exemplo sua posição política ou ideológica porém sejam apresentados também as outras teorias e possam refletir e discutir contextualizando com sua realidade.

Nesse momento histórico em que vivemos é colocado em xeque a ética de nossos professores. Com a proposta da Escola sem Partido, que não é nada menos que impedir uma educação política e crítica, encoberta por discurso cínico de evitar doutrinação político.

No entanto, a postura que aqui pesquisamos e foi deixada como herança por Freire e seguida por muitos profissionais e analisada como uma postura de um profissional da educação, nos diz que:

É não só interessante mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições as vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros. (FREIRE, 1996, p. 17)

Sendo éticos, os profissionais da educação não negarão aos estudantes uma educação de qualidade. A ética e o comprometimento profissional e social de que fala Freire é algo constantemente colocado a prova, por nossas fraquezas subjetivas, por nossas políticas educacionais públicas e pela ferocidade do mercado que tenta nos desumanizar.

Duas características importantes de profissionais foram apresentadas, não só da área da educação, mas em qualquer profissão cujo indivíduo seja consciente de seu papel na sociedade. Pensando na educação, esse profissional possui formação suficiente para manter-se firme diante de tantas exigências a que são submetidos?

Para Silva (1992) os cursos de formação dos professores precisam de uma reestruturação urgentes, não basta treinamentos técnicos e novos métodos de ensino, mas de uma formação prática política onde os trabalhadores possam conforme Freire (1996) educarem entre si na práxis.

Para tal Silva afirma que a formação pedagógica do professor deve estar ligada a prática política no qual ele possa exercer sua função de intelectual não só como especialista mas como ser político, ligado as lutas de classe.

Para assumir tal tarefa educativa, o educador deve ser preparado para atuar como intelectual dirigente, marcado pela consciência política, capaz de pensar criticamente a realidade e se manter vinculado a classe trabalhadora, comprometido com a sua luta política e com o esforço de ajudá-la a também pensar criticamente essa mesma realidade e a se manter organicamente coesa. (SILVA, 1992, p.14)

Não vemos outro espaço no qual os professores ou profissionais da educação possam dar continuidade a sua formação política senão nos sindicatos. Principalmente quando temos todo o aparato político nacional voltado para uma minimização do Estado frente às políticas sociais.

De acordo com Veiga (2006) políticas educacionais que a cada dia mais vão se fechando para uma educação tecnicista, voltada somente para o trabalho, na formação dos professores como tecnólogos, na Educação a Distância, privilegiando uma formação rápida distanciando do que é primordial nas universidades o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

O tecnólogo do ensino parece ser a figura dominante dentro da reforma educacional brasileira, detalhada pelas Diretrizes e Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em nível superior... O tecnólogo do ensino define-se mediante a lógica do poder constituído, e procura adequar a formação de professores às demandas do mercado globalizado. Parece ser a figura dominante no âmbito das reformas da educação. (VEIGA et al, 2006, p. 72)

Dessa forma a formação de professores se torna cada vez mais parcial, desvalorizada, dificultando cada vez mais uma formação política sólida capaz de promover uma educação crítica e humanizada. A formação do tecnólogo para Veiga (2006) baseia-se no saber fazer, limitando-o no fazer prático, impedindo de aprender os fundamentos do fazer e esquecendo da relação com a realidade social.

As reformas educacionais que eram esperadas após a Constituição de 1988 não seguiram o curso das propostas feitas pelos profissionais da educação, tomaram outro rumo com a LDB, conforme Scheibe (2006) ressignificando vários consensos feitos nos 1980, retirando responsabilidades do governo, adequando a educação como objeto do mercado.

Como cenário geral para as atuais reformas educacionais temos, portanto, um quadro de reformulação políticas e econômica do sistema capitalista, no qual uma nova cultura parece ser anunciada. Destacam-se aí, para a manutenção e proteção do capital, a redução do tamanho do Estado no que trata das políticas sociais, a institucionalização das formas e dos mecanismos de combate à pobreza, o enfraquecimento dos sindicatos, o fluxo das grandes mobilizações sociais e a ampliação do poder da mídia, em que a informação é substituída pela publicidade. Ao mesmo tempo, novos processos sociais são gestados, tais como o orçamento participativo, as campanhas de solidariedade, a ação de ONGs, entre outros. (VEIGA et al, 2006, p.50)

Resumindo, hoje 2017 estamos vivenciando uma ruptura, o que torna cada vez mais difícil uma formação docente voltada para o desenvolvimento humano, ético, comprometido com o social, com uma formação ampla capaz romper com o que está imposto.

Dessa forma a luta por políticas públicas que favoreçam a educação como condições de trabalho, melhores salários, formação continuada, escola gratuita e de qualidade para todos, ensino superior em universidades para formação docente, tudo isso que antes mesmo de se concretizar está sendo retirado, deve ser luta constante dos sindicatos.

Portanto, para uma formação política dos profissionais da educação não pode e não depende somente das universidades, principalmente porque não há universidades para todos, o que temos são faculdades de EAD nem sempre de qualidade, IFs com proposta e propaganda forte de cursos técnicos, faculdades particulares que não privilegiam a pesquisa e extensão.

O papel dos sindicatos, até mesmo para sua sobrevivência, depende de profissionais politizados, engajados, comprometidos, éticos, dispostos a perseguirem melhores condições de vida, sujeitos conscientes que o trabalho na sala de aula e na escola dependem de seu comprometimento como profissional, de sua atualização epistemológica, de sua busca constante de aprimorar-se.

Diante do exposto vamos analisar as propostas de formação política do Sind-UTE/MG da sub-sede de Ituiutaba.

A FORMAÇÃO POLÍTICA DE DOCENTES DO SIND-UTE: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS

Como fonte de pesquisa nessa parte do trabalho utilizaremos basicamente material encontrado no site do Sind-UTE/MG, como nos foi informado no início de nossa pesquisa que a formação política de professores se efetiva na prática.

No período de 5 anos de meu cargo no estado como Assistente Técnico de Educação Básica (ATB) e como filiada ao Sind-UTE/MG desde Agosto de 2016, nunca fui convidada a participar de algum curso ou mesmo a acessar o site, somente agora com essa pesquisa é que pude ter noção das informações ali contidas e o trabalho realizado pelo sindicato.

São vários registros, informações relevantes sobre direitos dos trabalhadores da educação, notícias sobre eventos, congressos e todas mobilizações realizadas ao longo de anos. Artigos publicados de grande importância com autores pesquisadores, alguns estudados na

graduação, com temas atuais, com questionamentos importantes e sobretudo com forte apelo crítico e opositor.

Acreditamos ser necessário descrever alguns dados encontrados no site de forma que possam entender a dinâmica de formação do sindicato, entendemos até aqui que o profissional que deseja aprimorar-se dentro das políticas que envolvem a educação esse mecanismo é considerado um bom começo de estudos.

Como a maioria dos sites tem os itens em destaque que se subdividem chegando as informações desejadas. Na parte “Comunicação” encontramos varios tópicos como **notícias** que lista desde 2010 diversos assuntos relacionados com a educação como exemplo segue alguns títulos: 04/02/2010- Governo admite falha na correção da redação; 27/06/2011- Homofobia na escola cresce 160% em São Paulo; 16/11/2017- Não se meta nas salas de aula, diz secretário da IE ao governo Temer; 17/11/2017- Encontro promove troca de experiências pedagógicas e debates em grupo. Os artigos, na maioria são pequenos mas consta a fonte para pesquisa na integra.

Outros tópicos como o **Programa outras palavras** apresentado pela TV Band com 87 gravações disponiveis, **Cartilhas** com 4 artigos: 1- regulamentação de 1/3 de hora, 2- Caderno pedagógico 2013, 3- Cartilha Dieese/ Sind-UTE/MG: Estudo técnico sobre a projeção do atendimento ao ensino médio regular- 2010-2014, 4- Cartilha Hora Atividade- 1/3 da jornada do/a professor/a para hora/atividade é legal é essencial para uma educação de qualidade.

Tem também **publicações** onde encontramos a Declaração de Salamanca, Parecer- “Recreio como atividade escolar”; Cadernos de saúde do trabalhador-Burnout: sofrimento psiquico dos trabalhadores em educação, e outros.

Possui também **artigos**, 37 no total de 21/10/2014 a 10/05/2017 , a grande maioria de autoria de Beatriz Cerqueira, coordenadora geral do Sind-UTE e presidente da CUT Minas Gerais. Outro sub item **Diário de acampamento** manifestação registrada diariamente do dia 30/08/2013 até 18/10/2013.

Na parte de **Documentação técnica** encontram-se várias resoluções, instrução, legislação, informes e outros. Encontramos a **Revista do Brasil** com 55 edições de 01/06/2006 a 01/01/2011 uma revista que discute e informa sobre política, educação e acontecimentos em geral que afetam o cotidiano.

Na página inicial do site tem outra revista semestral “Retratos da escola”. Como exemplo trazemos o v.11 n. 20 / 2017: A reforma do ensino médio em questão. São varios artigos de diversos autores, discutindo e analisando a reforma do Ensino Médio, acreditamos

que mostrar alguns títulos pode dar uma ideia das discussões nos artigos que são disponibilizados em PDF: 1- Reforma do Ensino Médio: Pragmatismo e Lógica mercantil de Monica Ribeiro da Silva e Leda Scheibe; 2- Reformar para retardar: A lógica da mudança no EM de Jaqueline Moll; 3- Flexibilizar para quê? Meias verdades da "reforma" de Nora Krawczyk, Celso João Ferretti.

Também disponibiliza audios de um programa de rádio "Roda de Conversa" uma produção conjunta do Sind-UTE/MG, Sindifisco/MG, CUT Minas e Jornal Brasil de Fato. Todas as segundas-feiras, das 11h às 12h, na Rádio Autência Favela FM (106,7). Alguns assuntos tratados nos últimos programas foram: 1- Preconceito, igualdade racial e a intolerância às casas e templos das religiões de matriz africana. 2- Receberam o economista Frederico Melo, técnico do DIEESE na Subseção da CUT Minas, para falar sobre os impactos da Reforma Trabalhista do governo Temer, que entra em vigor no dia 11 de novembro. 3-Nosso assunto é a campanha em defesa dos serviços e dos servidores públicos que mobiliza a sociedade mineira para lutar contra o desmonte do serviço público e as privatizações do governo Michel Temer. 4-Convidado o sociólogo Frederico Santana Rick, para falar sobre as propostas do Plano Popular de Emergência, lançado pela Frente Brasil Popular. O plano, elaborado pelos movimentos sindicais e populares, apresenta propostas concretas, o eixo contra os desmontes de direitos e reformas do governo Temer.

E, por fim, nessa página inicial o Blog de Beatriz Cerqueira onde ela sugere outros sites e revistas. Posta videos que considera interessante.

Consideramos esse espaço bom para uma busca pessoal de conhecimento e informação específica para o profissional da educação, principalmente porque a mídia brasileira não cumpre com seu papel de informar, exibe uma mesma informação por dias não considerando relevantes tantos outros acontecimentos sem mencionar o desvirtuamento das informações.

No campo de “busca” quando informamos “formação política” encontramos somente dois itens: 1-Sind-UTE/MG inicia curso de formação política; 2- Sind-UTE/MG realiza a 2ª etapa do curso de Formação política: Conjuntura Política e Educacional Mineira.

Iniciamos a pesquisa no primeiro item e verificamos que o curso se deu em 2012 e que se tratava de um Programa de formação da CNTE e sua proposta era:

Programa de Formação tenha a participação não apenas dos dirigentes do sindicato, mas, também de representantes das escolas que não tenham vínculo de direção sindical. Com isso, pretendemos realizar um processo de formação que contribua para a organização do nosso sindicato e o fortalecimento da nossa luta. Outra característica do Programa de Formação será a descentralização dos momentos de formação com a sua realização nas várias regiões do estado. A agenda dos encontros será organizada pelos diretores

regionais em articulação com as subseções. É importante que os participantes tenham disponibilidade para participar dos demais encontros. [...] Temas que serão discutidos: Conjuntura Política Mineira e a Organização dos Trabalhadores em Educação; A educação no Brasil enquanto território de disputa e a organização dos trabalhadores neste contexto; A importância dos trabalhadores da capital mineira no processo de mobilização e organização do movimento sindical. (Disponível em: < <http://www.cnte.org.br/> > Acesso 9 out 2017)

A metodologia utilizada para os cursos era mesa de debate, dinâmica de grupo e discussão de filme. O curso de formação que encontramos foi produzido pela CNTE que o Sind-UTE/MG é filiado.

Por meio do *site* do Sind-UTE pode-se acessar os sites da CNTE e CUT, nos quais encontramos um Projeto de formação da CNTE e Eixos de formação disponibilizados em fascículos como: Eixos de 1 a 4 e cada eixo com fascículos de 1 a 5. São livros disponibilizados em PDF que traz uma formação sistematizada, um dos títulos Teoria Política permite um reencontro dos profissionais da educação com alguns autores conhecidos como Karl Marx, Antônio Gramsci, Norberto Bobbio, Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau.

Outros fascículos da mesma forma que o anterior trazem grandes pensadores de acordo com a discussão apresentada nos títulos como: Negociação Coletiva e Orçamento Público na Área da Educação; Concepção, Estrutura e Organização Sindical; Sistema Democrático de Relações de Trabalho; Como Fazer Análise de Conjuntura e etc. Esse material é parte do Projeto de Formação da CNTE cujo objetivo descrito no projeto é:

Oferecer ao conjunto das entidades filiadas à CNTE uma série de Cadernos de Formação Político-Sindical que, uma vez elaborados e publicados, vão permanecer à disposição das mesmas para realizar a formação de que necessitam; Incentivar a realização de formação política sindical em parceria com as entidades de base, por meio de um Programa de Formação. (Disponível em: < <http://www.cnte.org.br/> > Acesso 9 out 2017)

Um material rico em informação e instigante para debates, o que nos levou à necessidade de ter a percepção sobre o que os profissionais da educação achavam desse *site* e todo material disponibilizado nele. Em razão disso desenvolvemos um questionário distribuído entre os professores de uma escola estadual filiados ao sindicato.

Sem a pretensão de que esse questionário afirme como anda a busca por informação ou formação dos profissionais da educação, mas por meio dele podemos verificar um indício de que ao menos as informações que em parte são disponibilizadas pelo site não chega a todos os filiados.

Foram distribuídos quatorze questionários dos quais obtivemos a devolução de doze. Dos profissionais que responderam onze eram professores e um profissional de serviços gerais, quanto ao tempo de serviço na educação uma professora tem dois anos e os outros o menor tempo de serviço é de sete anos e o maior tempo trinta anos. E o tempo de filiação com sindicato 89% tem mais de três anos e 11% possuem dois anos.

São pessoas que estão trabalhando na educação há algum tempo e filiados ao sindicato a tempo suficiente para terem sido incentivados a buscar no site informações sobre a classe, sobre cursos, congressos ou assembleias.

As questões mais relevantes para nossa pesquisa segue nos quadros abaixo para uma melhor visualização.

Quadro A- Relação de proximidade sindicato x profissional

Relação de proximidade	Pouco contato	Muito próximo	Muito distante
Profissional com sindicato	8	1	3
Sindicato com o profissional	10		2

Quadro B- Frequência de acessos ao site do Sind-UTE/MG

Frequência que acessa o site	Nunca	1 vez mês	Diariamente	1 vez semana
Quantidade de profissionais	6	1	4	1

O quadro A mostra que os profissionais da educação consideram que tanto eles quanto o próprio sindicato possuem uma relação de pouco contato. Apenas uma afirma ser próxima ao sindicato. Quanto ao quadro B os acessos ao *site* metade nunca entrou na página do Sind-UTE, dos quatro que acessam diariamente duas se referiram-se ao aplicativo *WhatsApp*.

Quanto à pergunta se “já participou de algum curso ofertado pela subsede de Ituiutaba” todos responderam que não. Quanto aos cursos da CNTE ou CUT apenas uma já participou. Disse ter participado de vários cursos, seminários e congressos, essa professora é a única que respondeu ter relação próxima com o sindicato.

Ao final do questionário a pergunta foi “O que você sugere para uma melhor formação política do/a professor/a?” Consideramos importante transcrever algumas respostas:

Por estar acompanhando o sindicato há muito tempo, percebo que há a necessidade de uma abordagem diferente quanto a conscientização da formação política do professor. As formações que o sindicato propõe é sempre em lugares longe, com um custo alto de acesso a essa

informação, desse modo, embora o sindicato arque com as despesas do servidor o acesso é restrito para determinado número de participantes, assim não há uma formação em massa. Mas penso também que é necessário que o sindicato reveja e avalie essa proposta de formação, pois além dela não ser suficiente ainda não consegue convencer o servidor da importância de se informar a respeito da política do seu segmento e classe. A capacitação que o sindicato oferece é muito rica e de qualidade, mas necessita atingir maior número de servidores. (Professora A)

Essa fala é da professora que participa ativamente do sindicato. Ela estando a par da dinâmica do Sind-UTE, percebe que a adesão aos programas de formação é insuficiente para atingir uma grande quantidade de profissionais.

O sindicato tem que começar a formação política do professor, se deslocando até as escolas para conscientização, para dar incentivo aos professores, para criar esse senso político no aluno também, que seria a maior arma a favor do sindicato futuramente. (Professora B)

Minha sugestão é para que os sindicatos promovam encontros, capacitação nas escolas sempre que se fizer necessário, pelo menos duas vezes ao ano promovendo debates que abrangem temas políticos que tanto nos são importantes. (Professora C)

Ter mais informação sobre cursos oferecidos pela CNTE ou CUT. Ter mais acesso a essas informações e não ser passado para os professores de última hora. (Professora D)

Formação continuada em serviço. (Professora E)

O sindicato tem muito que oferecer para melhorar na formação do professor. Só que o professor tem que ser mais participativo. (Professora F)

Acreditamos que as falas dessas professoras demonstram um desejo de uma formação continuada, porém percebe-se que é dado ao sindicato a responsabilidade dessa formação. No horário de trabalho, nos módulos, numa localidade que possam participar o maior número de pessoas.

Não descarta o comprometimento do profissional em busca de aprimoramento e nem tão pouco a responsabilidade do sindicato em oferecer, instigar os profissionais a buscarem e se unirem em uma luta conjunta.

O fato dessas professoras transferirem em parte a responsabilidade de formação ao sindicato talvez seja a prova de que lhes falta formação política. O profissional recém formado ou aquele que já se envolveu com processo escolar, com a dinâmica de fazer cumprir todas as exigências burocráticas vindas dos órgãos superiores como as Superintendências Regionais de

Ensino (SRE), tão envolvidos com esses afazeres que nem percebem o quanto precisam de uma parada, justamente para analisar o que estão fazendo.

Momentos diferenciados de formação, como congressos ou seminários, que o Sind-UTE/MG por meio da CNTE oferece nos parece um bom espaço para essa “parada”, porém como a maioria não busca informações e a forma do sindicato de informar parece não alcançar a todos, fica aí uma lacuna.

Em uma das perguntas feitas no questionário que somente uma professora respondeu, se já fez algum curso oferecido pela CNTE, ela respondeu:

Sim, Já participei de vários cursos, seminários, congressos, conferências, sendo que a última foi em BH, com o tema “Por uma educação Libertadora, uma homenagem a Paulo Freire. A conferência teve a presença de Tico Santa Cruz, Leonardo Boff e Miguel Arroyo e várias representações estudantis e de classes para uma discussão e roda de conversa sobre gênero e o papel do jovem na sociedade. Esse evento ocorreu em dezembro de 2016. No ano de 2017 a CNTE e CUT tem oferecido vários eventos para a discussão da atual conjuntura política do país. (Professora A)

Essa professora que participa ativamente do sindicato está em constante formação, e provavelmente isso contribui com suas atitudes como militante do sindicato e como profissional.

Concluimos que a formação sistematizada oferecida pela CNTE da qual o Sind-UTE faz parte como filiado é um ponto importante e deve ser explorado e melhor divulgado de forma que mais profissionais possam participar.

É interessante mencionar aqui o que vem descrito no projeto da CNTE como resultados esperados com essa formação:

Ao final dos três anos, cada entidade filiada poderá desenvolver uma experiência sistemática de formação de dirigentes sindicais promovendo, de acordo com o projeto, um mínimo de 14 seminários presenciais, antecidos de estudos à distância; Formar, no mínimo, 2.000 novos dirigentes sindicais para atuação na base da CNTE; Proporcionar por meio da produção de materiais específicos (fascículos) a formação de novos dirigentes sindicais nas entidades; Despertar as entidades de base para a necessidade de estabelecer processos permanentes de formação política-sindical. (Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/>> Acesso 9 out 2017)

Fica evidente que as centrais sindicais reconhecem a necessidade de formação contínua e sistemática. E a fala dessas professoras e professores demonstram que sentem essa necessidade, tanto que propõem de uma forma mais simples e próxima, do que os dispendiosos cursos realizados em Belo Horizonte, também necessários e indispensáveis, porém com um

alcance menor de público. Como sugerido por uma professora nos módulos seria um local ideal de formação.

Essa pesquisa nos mostra que existe uma proposta sistematizada de formação política sindical e material teórico suficiente para uma formação abrangente.

E que também promove Seminários, Congressos e Assembleias cuja presença de quem participa provoca um amadurecimento político, desenvolvimento crítico e social capaz de instigar vontade de participação ativa ao lado da classe trabalhadora.

Além dos questionários tivemos a oportunidade de entrevistar o coordenador do Sind-UTE da subsele de Ituiutaba. Nessa entrevista ele menciona sobre a formação sindical que a CNTE e Sind-UTE promovem, não especificamente um curso, mas os congressos e assembleias. Entendemos que trata-se de um processo no qual o filiado interessado pode e deve participar, contando que vá se aprimorando passo a passo, participando das assembleias e congressos regionais, estaduais, nacionais até chegar nos congressos interamericanos.

Nesse processo o profissional vai se inteirando do movimento sindical, é nesse momento que a formação se efetiva na prática, no dia a dia da dinâmica sindical.

Por outro lado evidencia uma carência por parte da subsele do Sind-UTE de Ituiutaba em promover encontros de formação, pois nos questionários grande parte sugere que o sindicato proporcionasse encontros para tal formação.

Quando mencionamos que no questionário os professores sugerem que os representantes do Sind-UTE forneçam essa formação nos módulos sua resposta foi a seguinte:

Eu já fui várias vezes por exemplo lá na sua escola. Por exemplo no dia do módulo, lá se alguém me convidar eu entro em contato com diretor e tenho certeza que tenho espaço, eu vou, e você vai observar o comportamento dos companheiros lá, a gente chega baba, conversa, ninguém sequer tem uma pergunta porque eles tem medo de participar, eles tem medo da gente chamar para participar, aí eles falam assim não vai adiantar tentar nada[...] é claro que tem as exceções, muitas exceções boas mas muitos companheiros nossos só querem o mensal no final do mês, eles não querem saber, ser professor é um ato político, eles não querem saber de participação, não querem saber de consciência política, eles não querem saber de informação política e eles não querem ser politizados por isso estamos nessa situação.

Acreditamos que existem razões plausíveis tanto para os professores quererem um melhor aproveitamento dos módulos incluindo uma formação política nesses horários que fazem parte da carga horária a ser cumprida por eles, como também o coordenador, com muitos anos de experiência, acreditar que essa formação não seria assim tão

produtiva. Também sabemos que uma formação assim não foi praticada por tempo suficiente para gerar retorno.

No final de sua fala ele diz que os professores não querem comprometimento. O que nos faz lembrar do que nos trouxe a essa pesquisa, a apatia dos profissionais da educação diante do golpe e suas consequências.

Por outro lado, tem outra questão que nos intriga. A coordenação da subsele deste município está no cargo há três mandatos, ou seja nove anos. Quando perguntamos porque ele está no cargo por um período tão longo, se é porque não abre uma chapa concorrente ou porque ele sempre ganha sua resposta foi:

Na realidade sou um dos fundadores do sindicato, uma certa época um grupo que estava, nós afastamos porque nós já estávamos há muito tempo, não só como quando antes era presidente depois passou a ser coordenador, e eu já estava aqui, eu não era presidente nem coordenador, entregamos pro pessoal, nessa época o pessoal nos chamou e falou assim: vamos voltar lá porque se não vai fechar. Se não for gente que entenda o que está fazendo que não seja do ramo fecha! E o pessoal não tem formação política para encaminhar isso daqui. Toda eleição a gente faz, se descobrir alguém que possa a gente entrega, entrega mesmo, como não aparece ninguém e se a gente sair fecha, estamos aqui.

Evidencia-se assim a falta de formação política e com ela as suas discrepâncias. Em um sindicato não ter pessoal com formação política suficiente para concorrer aos cargos de direção existentes? Podemos pensar em algumas alternativas, como exemplo reunir um quantitativo de filiados mais ativos e interessados, e dando essa formação específica sindical, para que possa surgir pessoas que se comprometam com a direção.

Os sindicatos são uma categoria que luta por direitos dentro de um regime democrático, portanto, pressupõe-se um espaço com mais transparência. Diante da ofensiva neoliberal que a cada dia fica mais forte, com nossas universidades passando por problemas sérios e agora com recursos para educação paralisados por 20 anos, sem contar com os crescentes cursos de graduação a distância, toda forma que está sendo conduzida a educação para um retrocesso, o crescente incentivo de cursos técnicos profissionalizantes, tudo isso e muito mais, que contribui para uma educação deficiente e alienante, faz com que as entidades sindicais sejam um dos principais meios de formação política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho nosso objetivo era analisar o papel do Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação (Sind-UTE/MG) na formação política dos professores da rede estadual de ensino de Ituiutaba, percorremos a história de criação do sindicato que se deu no final dos anos 1970 com a criação da UTE.

Uma história marcada por lutas e várias conquistas que mostram o perfil de um sindicato atuante, um novo jeito de trabalhar que os sindicatos adquiriram, o mobilismo, instruindo e fortalecendo a base, contribuindo para a formação política de seus membros.

Em um período conturbado e truculento como da Ditadura Militar, o sindicalismo aponta um novo caminho para alcançar várias reivindicações da época, reúne forças e visibilidade conquistando diversas demandas e principalmente o respeito da categoria tornando-o um dos maiores sindicatos de Minas Gerais.

Discutimos também o que vem a ser o professor politizado, e entendemos que não há como descartar a ética e comprometimento social desse profissional, do cidadão que consciente de seu papel na sociedade, anseia por qualidade de vida, qualidade na educação, na saúde, anseia por desenvolvimento cultural, acesso as diversas formas de cultura, pelo crescimento econômico e principalmente humano do país.

O cidadão que entende que todas as formas de decisão, em todos os âmbitos da sociedade, de forma pública ou pessoal, que reflete nas camadas dessa sociedade, que gera benefícios para todos ou alguns, que transforma, que induz, que oprime ou liberta, esse cidadão se sabe politizado, professor, advogado, faxineiro, dona de casa, fazendeiro, estudante, todos responsáveis pelo que vivemos em nosso país.

Apesar de ser uma das profissões menos valorizadas no Brasil, o discurso que sempre vence nas eleições é o da educação de qualidade para todos. Ironicamente também é pela educação que governos e suas políticas educacionais conseguem manter o status quo.

Por essa razão buscamos compreender um dos mecanismos possíveis de politização da sociedade, o sindicato, que por meio dos professores e comunidade escolar, podem garantir a continuidade, em parte, da formação política necessária e indispensável desses profissionais da educação.

Dos dados que coletamos nos questionários, na entrevista e bibliografia pesquisada percebemos que o Sind-UTE possui uma estrutura de formação permanente que se efetiva na própria organização da entidade.

Na sua forma de composição dos cargos de direção, feita por meio de eleições, na sua organização de encontros para decisões nas assembleias e congressos sempre acompanhados

de discussão e debate, nos encontros municipais, regionais, estadual e nacional. Utilizando o método do micro para o macro, permitindo que todos possam ser ouvidos.

Dessa forma permite que os profissionais da educação possam participar e de forma gradativa vão se apropriando dos conhecimentos gerados nas discussões, nos encontros, motivando e despertando o interesse pelas questões de sua profissão e carreira.

Além desses momentos presenciais de encontros e viagens, existe disponibilizado virtualmente um material de qualidade e de livre acesso.

Por outro lado, existe a questão da desinformação como mencionada nos questionários, a maioria dos professores nunca acessaram o *site*, nunca participaram de algum curso ministrado pelo sindicato.

Entendemos que seria necessário uma pesquisa em uma escala maior, para projetarmos o real conhecimento dos profissionais a respeito do sindicato, o quanto consideram importante o trabalho sindical e ou porque rejeitam esse trabalho.

No momento há indícios de que as convocações para participação de assembleias ou congressos, consideradas momentos de formação, não chegam ao conhecimento de todos. A forma de divulgação dessas informações que é feita por meio das redes sociais não atinge a todos ou se torna insuficiente para mobilizar esses profissionais.

No entanto, vale ressaltar que no período das mobilizações descrita no início do trabalho, acompanhei as visitas a todas as escolas estaduais do município, inclusive nas cidades vizinhas que alguns companheiros foram visitar, na tentativa de motivar e esclarecer a necessidade de greve e mobilizações. Nesse momento específico a adesão à greve foi forte, porém para os outros atos como carreata, passeata, distribuição de panfletos e outros, a participação foi pouca.

Isso nos leva a pensar que não é falta de informação que faz com que não participem. Pressupomos no início do trabalho que a formação que o Sind-UTE oferece seria pouca e ineficiente, porém percebemos que para os que buscam formação e se comprometem a realidade é outra.

Trago algumas dúvidas e questionamentos. Como fazer com uma categoria de profissionais, cuja função é ensinar, consiga vivenciar o que ensina para os alunos? Se é a formação que nos leva a uma consciência política, então de fato nos falta formação? Ou antes é necessário a consciência para buscar formação?

E essa pesquisa tornou-se relevante pois aponta que mesmo aqueles profissionais que não estão engajados no movimento sindical atribuem ao sindicato o papel de formador, este por

seu lado, composto de professores com maturidade e consciência política, não deve se esquivar de tal responsabilidade.

REFERENCIAS:

A Escola de Ciência Política. Disponível em: <<http://farolpolitico.blogspot.com.br/2007/04/politica-etimologia.html>> Acesso em: 07 nov. 2017

CNTE-Disponível em:< <http://www.cnte.org.br/>> Acesso 9 out 2017)

Dicionário Aurélio de Português online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/politico>>. Acesso em: 07 Nov. 2017

Dicionário Etimológico. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/politico/>> Acesso em: 07 nov. 2017

DINIZ, C; BAUER, C. Desafios políticos e organizacionais da categoria docente mineira: o surgimento da União dos Trabalhadores do Ensino de Minas Gerais. **Sind-UTE/MG Livro Comemorativo**. Eficaz Comunicação e Marketing. 2014, p.23-34.

DULCI, L.S; CERQUEIRA, B. A educação e os 50 anos do golpe civil-militar. **Sind-UTE/MG Livro Comemorativo**: Eficaz Comunicação e Marketing. 2014, p.7-17.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979. 79 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1997.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas De Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. p.50-51.

RICCI, R. Sind-UTE/MG alcançou a maturidade. **Sind-UTE/MG Livro Comemorativo**. Eficaz Comunicação e Marketing. 2014, p.36-44.

SAVIANI, D. A crise política no Brasil, o golpe e o papel da educação na resistência e na transformação. In: LUCENA, C; PREVITALI, F.S; LUCENA, L. (Org.). **A crise da democracia brasileira**. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2017, p.215-232. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_final.Acesso em 5 nov. 2017.

SCHEIBE, L. Formação dos profissionais da educação pós-LDB: vicissitudes e perspectivas. In: VEIGA, I.P.A.; AMARAL, A.L.(Orgs). **Formação de Professores políticas e debates**. 3 ed. Campinas, SP. Papirus, 2006. p. 47-63.

SILVA, J.I. **Formação do educador e educação política**. São Paulo, Cortez: Autores Associados. 1992. Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 48

SIND-UTE/MG. Orgonograma Disponível em:
<http://www.sindutemg.org.br/novosite/conteudo.php?MENU=25&LISTA=detalhe&ID=34>
 acesso:> em 09 out. 2017.

Sinônimos.com.br. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/politico/>> Acesso em: 07 nov. 2017

VEIGA, I.P.A. Professor: tecnólogo do ensino ou agente social? In: VEIGA, I.P.A.; AMARAL, A.L.(Orgs). **Formação de Professores políticas e debates**. 3 ed. Campinas, SP. Papirus, 2006. p. 65-93.

VENCO, S; ASSIS, A.E.S.Q. A ponte, o golpe a travessia e o resultado: neo “deficientes cívicos”. LUCENA, C; PREVITALI, F.S; LUCENA, L. (Org.) **A crise da democracia brasileira**. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2017, p.279-290. Disponível em: https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/livro_final.Acesso em 5 nov. 2017.

OLIVEIRA, W. **A trajetória histórica do movimento docente de Minas Gerais: da UTE ao Sind-UTE**. 2006. 411f. Dissertação (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-6QJQTY>. Acesso em 5 nov.2017.

PEREIRA, R. M. Uma história contada com muito orgulho por quem a viveu: Da UTE ao Sind-UTE/MG 35 anos de história. **Sind-UTE/MG Livro Comemorativo**. Eficaz Comunicação e Marketing. 2014, p.18-22.

Universidade Federal de Uberlândia-UFU
Faculdade de Ciências Integradas do Pontal-FACIP

Caros professores e professoras,

As questões abaixo se referem a uma pesquisa de campo para a composição do trabalho de conclusão de curso-TCC, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia-FACIP, cujo objetivo é analisar o papel do Sindicato dos Trabalhadores da Educação (Sind-UTE/MG) na formação política dos professores da rede estadual de ensino de Ituiutaba. .

Questionário

Dados de Identificação do(a) entrevistado(a)

Nome: _____

Sexo: Feminino () Masculino (); Idade: _____

Formação: graduado (a) () especialista () mestre () doutor(a) ()

Curso/área: _____

Vínculo atual com a instituição: Concursado () Cargo Comissionado () Contrato temporário ()
Outros () Quais? _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Função exercida: _____

1-Você é filiado ao Sind-UTE/MG?

() SIM () NÃO

2- Quanto tempo está filiado?

() Um ano () 2 anos () Mais de 3 anos

3- Possui algum cargo dentro do sindicato? Se sim, qual? _____

4-Quanto tempo está nesse cargo? _____

5- Como é a sua relação com o sindicato?

() muito próxima () pouco contato () muito distante

6- E a relação do sindicato com os/as professores em geral?

() muito próxima () pouco contato () muito distante

7- Você já participou das eleições para composição da diretoria da subsede de Ituiutaba como eleitor?

() Sim () Não

8-Você já participou das eleições para composição da diretoria da subsede de Ituiutaba como candidato?

☐ Sim ☐ Não

9- Você acessa com que frequência o site do Sind-UTE/MG?

☐ Diariamente ☐ Uma vez por semana ☐ Uma vez por mês ☐ Nunca acessou

10- O site contém informações relevantes para os trabalhadores da educação?

☐ Sim ☐ quase sempre ☐ Nunca

11- Você já fez algum curso de formação política realizado pelo Sind-UTE/MG subsele Ituiutaba?

☐ Sim ☐ Não

12- Já participou dos cursos oferecidos pela CNTE ou CUT entidades que o Sind-UTE/MG é filiado? Se sim, descreva onde foi realizado, quando e se foram relevantes para sua formação.

13- O que você sugere para uma melhor formação política do/a professor/a?

ENTREVISTA

1- Qual seu cargo?

R- Sou coordenador do Sind-UTE em Ituiutaba, e sou mestrando em Educação Ambiental.

2- Quanto tempo você está como coordenador do Sind-UTE da subseção de Ituiutaba?

R- Oito anos, em 2018 vai completar nove anos, três mandatos

3- E você está a tanto tempo porque não aparece uma chapa para concorrer ou porque sempre ganha?

R- Na realidade sou um dos fundadores do sindicato, uma certa época um grupo que estava, nós afastamos porque nós já estávamos há muito tempo, não só como antes era presidente depois passou a ser coordenador e eu já estava aqui, eu não era presidente nem coordenador, entregamos pro pessoal, nessa época o pessoal nos chamou e falou assim Darci vamos voltar lá porque se não vai fechar. Se não for gente que entenda o que está fazendo que não seja do ramo fecha! E o pessoal não tem formação política para encaminhar isso daqui. Toda eleição a gente faz, se descobrir alguém que possa a gente entrega, entrega mesmo, como não aparece ninguém e se a gente sair fecha estamos aqui.

4- Foi bom você entrar nesse ponto, porque esse trabalho investiga justamente essa formação. Na sua opinião não está tendo essa formação?

R- Não é que não está tendo, não existe essa formação, não existe formação sindical do pré ao 2º grau ou seja Ensino Médio, não existe quando o pessoal está na faculdade, porque deveria ter uma matéria na faculdade ou nas escolas sobre formação sindical e formação política, como não interessa pro sistema é melhor esse pessoal entrar e sair ignorantes politicamente do que dar aula, e a maioria dos professores também não interessa em discutir política porque eles também não sabem. A maioria dos professores inclusive são ignorantes quando não são cozinhas.

5- Na faculdade tem a formação política, não tem a formação sindical mas tem as disciplinas de formação política.

R- Mas o resultado não é bom não. Não é bom até porque você pergunta para as pessoas elas não sabem nada e o efeito parece até que é contrário, elas ficam sabendo das coisas e ao invés de avançarem elas recuam a gente não vê o pessoal não há nenhum eles não evoluem, não evoluem em invés de melhorar parece que piora.

6- No site do Sind-UTE um projeto de formação da CNTE, tem lá alguns fascículos muito bons com uma teoria boa, não é disponibilizado para os filiados para poder fazer? Como que funciona essa formação da CNTE?

R- Não só da CNTE, tem formação político sindical do sindicato a nível Estadual do Sind-ute, a nível municipal que a gente faz aqui, da CNTE a nível estadual e da CNTE a nível nacional e CNTE a nível da América Latina. Na última semana teve Congresso Internacional dos Educadores da América Latina que ia ser em Belo Horizonte só que pra participar o pessoal, as pessoas tem que participar antes, o que credencia ela a ir para esses congressos é participar primeiro do municipal, depois do regional, depois do estadual, depois do Nacional e depois do Internacional, porque não dá pra você colocar uma pessoa leiga ou sem saber nada lá em Belo Horizonte ou em Brasília e chegar lá e não fazer nada. Detalhe esse pessoal tem que ter compromisso de ir voltar e ir para as escolas e levar as informações, pra depois a gente fazer reuniões e pra depois fazer outro curso e começa todo ciclo novamente.

7- Como eu por exemplo, não sou tão ativa aqui no sindicato, eu não fico sabendo desses cursos. Eu fico sabendo assim alguma assembleia, algum congresso, dessas movimentações que a gente está tendo no momento, esses que você está se referindo de formação mesmo eu não fico sabendo.

R- A gente divulga de todas as formas, por exemplo no nosso site do sindicato, no facebook, no grupo de whatsapp, nos boletins a gente avisa pro pessoal que vai ter reunião aqui pra discutir função e escolha de delegados, a gente começa aqui, se você pegar, você faz parte do nosso grupo de whatsapp? Sim. Lá tem a gente põe lá. Por exemplo quinta feira agora, nós vamos receber até sexta-feira, nós vamos para Brasília, aqui olha chegou aqui os panfletos, esses são da defesa da nossa aposentadoria, então vamos para Brasília, a semana passada nós fomos para Belo Horizonte, fomos discutir o nosso pagamento, poucas pessoas foram, juntou três mil pessoas lá em Belo Horizonte, então o pessoal acha que as coisas vem porque o governo é bonzinho, não é não, porque a gente vai lá, e não sabemos nem quando vai pagar o nosso 13º.

8- Fizemos um pequeno questionário com servidores perguntando se eles já haviam feito algum curso, a maioria não fizeram, a maioria não entra nem no site para ver o que tem lá, e perguntamos também o que achavam necessário para formação continuada, todos achavam que o sindicato deveria tomar frente, e fazer a formação de forma mais simples, porque muitas vezes não tem disponibilidade de ir a Belo Horizonte, um deles inclusive cita que poderia fazer essa formação nos módulos.

R- Você já viu a gente ir lá na escola por exemplo levar informação e chamar o pessoal para participar. A gente vai na escola pra chamar pra participar, a maioria se quer faz perguntas eles ficam loucos pra gente falar pra ir embora e eles irem embora também, não querem saber da

vida deles, mas eles sabem tudinho das coisas do BBB, sabe tudo das novelas da globo, mas não querem saber da vida deles, isso é desinformação política, isso é omissão, isso é ser conivente, aí a gente chama o pessoal e eles ficam bravo com a gente, mas a maioria do pessoal fica na escola puxando o saco do governador, do lado do patrão e do lado do diretor achando que ficando na escola está fazendo bonito para o diretor, e não é verdade, e muitos dizem que não participa porque não precisa e eles são contra paralisações, contra greve essa coisa toda, mas quando vem qualquer benefício eles não abrem mão, são os primeiros a correrem e pegarem. Essa é a questão da omissão, mas eles se omitem também é pela ignorância, se omitem pela questão cultural dele, ele não tem formação política, ele é desinformado, como ele vai participar, mas é professor isso que a gente fica, não são professores esse pessoal não é professor, é pela metade, porque se fizer um curso ou uma prova de cidadania pra ele ele toma zero, porque ele não participa, ele não dá exemplo para os alunos dele.

Dentro da sala de aula tem muito o que se fazer, os alunos tem que participar...

R- Mas o discurso não bate com a prática, os professores fala assim vocês tem que lutar, vocês tem que estudar, participar da vida mas ele próprio não participa da vida profissional dele, não são profissionais são amadores e interessa também pro governo, pros governantes esse tipo de professor, profissionais analfabetos políticos.

9-Para encerrar, pelo que vi nos questionários eles até querem uma formação, mas de forma que não seja tão trabalhoso, tipo o sindicato vai lá nos dias do modulo... Vir aqui eles não querem né? O que passa na sua cabeça além disso, de que forma além dos meios de comunicação ajudar esses profissionais a alertar, a dar essa formação?

R- Eu já fui várias vezes por exemplo lá na sua escola, por exemplo no dia do modulo lá se alguém me convidar eu entro em contato com diretor e tenho certeza que tenho espaço, eu vou, e você vai observar o comportamento dos companheiros lá, a gente chega baba, conversa ninguém sequer tem uma pergunta porque ele tem medo de participar, eles tem medo da gente chamar para participar, aí eles falam assim não vai adiantar tentar nada, mas tudo que gente conseguiu foi assim, a mais todo mundo é ladrão é corrupto, a gente fala diretor pra eles se existe corrupção no congresso é porque o povo não é honesto, não existiria políticos corruptos se a população fosse honesta. E nós somos professores pra tentar mudar essa situação, pelo contrário a gente vê muitos companheiros fazendo as mesmas coisas, você quer um exemplo? Professor que chega atrasado ele tá fazendo corrupção, o professor que solta mais cedo tá fazendo corrupção, o professor que fura o sinal vermelho ele tá fazendo corrupção, o professor que joga papel no chão não dá exemplo pros alunos ele tá fazendo corrupção, o professor que não participa, a omissão também é corrupção, professor que conivente, o professor que vê uma injustiça sendo feita e fica calado ele tá do lado do opressor, por que ele não participa, porque ele é desinformado, ele sabe que tá errado mas ele não quer se informar, porque ser informado a consciência pesa e quando a consciência pesa ele tem que ter compromisso e o que ele não quer é ter compromisso, é claro que tem as exceções, muitas exceções boas mas muitos companheiros nossos só querem o mensal no final do mês, eles não querem saber, ser professor é um ato político, eles não querem saber de participação, não querem saber de consciência política, eles não querem saber de informação política e eles não querem ser politizados por isso estamos nessa situação.

Resumindo na sua visão não é falta de formação não falta meios pra essa formação são eles que...

R – A culpa não é deles também, desde pequenos os professores, vou te dar um exemplo eu fiz meu primeiro e segundo graus em escola pública a maioria dos meus professores eram de direita, não via eles participar quando eu questionava eles eles ficavam bravos comigo, um dia cheguei pra professora e falei pra ela você não tá participando, ela falou não, os outros tão de greve, falei então, você está melhor que eles, tá ganhando mais, ela falou vou te mandar pra secretaria, falei pode mandar professora mas você tá errada e deveria participar, e aí você não acha que ela não tinha motivos para participar? Ela tinha que dar exemplo o discurso dela na

prática não funciona, o discurso dela na sala de aula não bate com dia a dia nem dos alunos, você acha que os alunos não percebem isso? Eles percebem é por isso que estamos nessa situação, se todo mundo fosse conscientizado, todo mundo participasse não estaríamos passando pelo que estamos passando. E vou te dar outro exemplo nós somos no Brasil sabe quantos milhões de professores? Entre rede estadual, municipal, particular somos cinco milhões, sabe quantos deputados nós temos em Brasília, que nos defende? Dezenove! Você sabe quantos fazendeiros temos no Brasil? Por volta de quinze mil só. Sabe quanto que é a bancada dos ruralistas? Duzentos! Lá tem os evangélicos 126 que é bancada do boi, bala e bíblia, mas eles trabalham com esse pessoal que é analfabeto político, é por isso que eles estão lá, mas tem o fundamental aí, nós trabalhadores da educação conscientes nós não compramos votos eles compram e sabe de quem eles compram? Dos professores analfabetos, vendem votos, que ajuda vender votos, que se omitem na hora da denúncia, que ficam quietos isso é omissão, conivência, por isso estamos do jeito que estamos.